

PANORAMA DO JORNALISMO CATARINENSE: TRANSFORMAÇÕES DA IMPRENSA ENTRE AS DÉCADAS DE 1950 E 1960

Thiago Cinti Bassoni Santana¹

Resumo: Este artigo investiga as transformações na imprensa de Santa Catarina durante as décadas de 1950 e 1960, com foco particular no jornal *O Estado*. A metodologia empregada inclui uma revisão bibliográfica abrangente e um estudo comparativo das práticas jornalísticas antes e depois desse período. Os resultados indicam que o aumento no número de jornais na capital catarinense na década de 1950, com ênfase em questões regionais e críticas ao governo, refletiu uma crescente polarização política. Além disso, o fortalecimento do colunismo político e a ascensão do fotojornalismo evidenciam uma transformação mais profunda, culminando em uma nova dinâmica no jornalismo local e na cultura publicitária.

Palavras-chave: transformações na imprensa; práticas jornalísticas; cultura publicitária; imprensa de Santa Catarina.

Introdução

Este artigo tem como principal objetivo relacionar as discussões sobre as transformações no jornalismo impresso brasileiro, ocorridas entre 1950 e 1960, com seus possíveis impactos na história da imprensa catarinense. Para isso, utiliza-se principalmente de uma revisão bibliográfica sobre os temas abordados, além da análise de fontes relevantes, buscando inserir a imprensa de Santa Catarina nas discussões já consolidadas sobre as mudanças que ocorreram na grande imprensa durante esse período. Também, vale ressaltar que o presente artigo constitui parte selecionada da dissertação “Imprensa de Fronteira: a imprensa chapecoense na década de 1950”².

Para fins de contexto, no que se refere a região de Desterro, seu primeiro jornal, publicado em 1831, foi *O Catharinense*. Para compreensão dessa primeira imprensa periódica, é necessário dialogar brevemente com a estrutura política que se estabeleceu em 1824. Após o advento da Constituição de 1824, cada província brasileira passou a ter seus representantes escolhidos pelo Império, bem como se instituíram os Conselhos Gerais, uma espécie de órgão de função legislativa. Com isso, constituiu-se, em Desterro, uma elite ligada ao poder imperial, todavia com fortes influências liberais.

Ademais, diversos setores imperiais haviam se aproximado do liberalismo, como

1 Mestre em História pelo PPGH/UFFS. E-mail: thiagocbsantana@gmail.com.

2 A dissertação intitulada “Imprensa de Fronteira: a imprensa chapecoense na década de 1950” foi defendida em agosto de 2024 no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (PPGH/UFFS), sob a orientação do Dr. Gerson Fraga.

é o caso de diversas alas militares. No que concerne a isso, Jerônimo Francisco Coelho, filho de militar e formado na Escola Militar do Rio de Janeiro, se instalou na região desterrense a fim de instituir *O Catharinense*. Por mais que fosse um pequeno jornal, visto em proporções dos jornais que circulavam no Rio de Janeiro à época, esse periódico era feito quase que de maneira artesanal por Coelho, que atuava desde a redação até a distribuição dos exemplares a seu público sumariamente composto de militares e funcionários da província (Pedro, 1995, p. 17).

Conforme Joana Maria Pedro (1995, p. 39), vários jornais circularam em Desterro no século XIX, entretanto poucos tiveram ação duradoura. A prática jornalística estava intrinsecamente ligada ao exercício do poder provincial. Ainda conforme segue a autora (Pedro, 1995, p. 49), na segunda metade do mesmo século, com o fortalecimento dos conservadores na região, houve uma maior circulação de periódicos em comparação com períodos anteriores. Nisso, as disputas e dissensos políticos se consolidaram na imprensa.

Já no Paraná, *O Dezenove de Dezembro* foi o primeiro periódico de circulação, tendo seu primeiro ano em 1854 na cidade de Curitiba como um “surgimento tardio forçado”. Acerca disso, tal imprensa tardia se deu devido ao fato de que o Paraná, até 1853, compreendia-se como 5ª Comarca de São Paulo.

Todavia, no território paulistano, a imprensa política teve suma importância na disseminação de ideias da oposição ao Império. O caso do *Federalista*, jornal de 1832, pode ser tomado como exemplo. O jornal, de ideal liberal, era redigido por José Ignacio Silveira da Motta, que mais tarde viria a ser deputado geral pelos paulistas e senador pela província de Goiás. Segundo Affonso A. de Freitas, em *Imprensa periódica de São Paulo desde seus primórdios em 1823 até 1914*, catálogo festivo encomendado para o centenário da imprensa brasileira e fundamentado nos parâmetros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), *O Federalista* “pugnava pelas ideias federativas, agitadas na época, e combatia ao lado d’*O Paulista* a restauração do primeiro império intentada pelos partidos Caramuru e Carijó” (Freitas, 1915, p. 55).

Esse empenho do IHGB³ em registrar o marco do centenário da imprensa brasileira no início do século XX demonstra como a imprensa ganhou força durante a queda do Império e a ascensão da República, bem como ela se consolidou gradualmente em diversos pontos da esfera pública nacional. Segundo Marialva Barbosa (2013, p. 69), nesse período a palavra “imprensa” era uma das coisas mais retratadas no cotidiano brasileiro.

Posteriormente, o período de Vargas trouxe à tona as questões relacionadas à composição racial brasileira de forma mais evidente. A construção de um “tipo nacional”, presente em diferentes momentos políticos durante a primeira metade do século XX, envolvia tanto a valorização da cultura escrita do euro-brasileiro higienizado quanto a marginalização das culturas orais afro-brasileiras. A ideia de eugenismo, que incluía a noção de branqueamento, promovia a imigração de indivíduos de ascendência indo-

3 Vale citar aqui a dissertação de Alvaro Daniel Costa acerca do tema: COSTA, Alvaro Daniel. *A comemoração do centenário da imprensa periódica brasileira no IHGB: uma memória do jornalismo nacional (1908)*. 2017. 110 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2017. Disponível em: <https://tede2.uepg.br/jspui/handle/prefix/2365>. Acesso em: 3 jun. 2023.

-europeia com base em ideais explicitamente raciais. Os jornais desempenharam um papel importante como porta-vozes dessas ideias, uma vez que essa visão fazia parte do conceito de *modernidade* por eles perseguido.

Entretanto, vale ressaltar que a relação entre os meios de comunicação e o varguismo, principalmente no que diz respeito aos primeiros quinze anos de governo, não se constituiu pacificamente. Embora o governo Vargas tivesse deixado claro seu intento em se aproximar dos meios de comunicação por parte da propaganda e das grandes mobilizações nacionalistas, isso implicava a dissolução da mídia opositora e a tendência de alinhamento entre os jornais e o Regime. Em 1939, grande parte da liberdade conquistada pela imprensa foi cerceada pela ação de censura do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), ação que grande parte prejudicou a existência ou consolidação de pequenos jornais da época.

Segundo Marialva Carlos Barbosa (2006, p. 220), os grandes jornais desse período demonstraram mais proximidades do que divergências em relação a Vargas e suas políticas. Embora as questões político-partidárias fossem censuradas, os meios de comunicação pareciam convergir para o advento da “massa”, público ao qual tanto a mídia quanto o Regime queriam atingir. E essa questão se deu de maneira latente após a instituição dos programas estadonovistas e seu maior uso das rádios por parte do Estado.

Havia a preocupação em incluir um novo personagem: o público agora visto como massa. Havia, ainda, a construção de um ideal de nação, no qual prevalecia a idéia de direcionamento político e intelectual dos que ocupavam posição dominante face ao restante da população (Barbosa, 2006, p. 220).

Ainda segundo Barbosa (2006, p. 221), no final dos anos 1930, grande parte dos jornais de ampla circulação eram editados em cerca de 25 páginas por caderno. Também, suas versões dominicais atingiam cerca de 60 páginas. No que se refere à tiragem, variava entre 40 mil exemplares de diários matutinos e 120 mil exemplares de diários vespertinos. Tais características serviriam como base para as transformações que ocorreriam posteriormente, nas décadas de 1950 e 1960, tanto na grande imprensa brasileira quanto na imprensa de Santa Catarina.

2. Panorama das transformações da imprensa brasileira

De acordo com Sodré (1966, p. 316), a imprensa brasileira, durante a Primeira República, esteve dividida entre fundamentos pré-capitalistas, predominantemente representados por latifundiários, e fundamentos burgueses, que refletiam o crescente capitalismo industrial. Esse tipo de imprensa teria perdurado de maneira decadente até meados do século XX, quando ocorreu o que Sodré chama de “Revolução Brasileira” (Sodré, 1966, p. 450) entre 1950 e 1960. Esse evento remodelou a prática jornalística no país, resultando na interligação entre as empresas de comunicação e os interesses norte-americanos. O grande destaque se dá na crescente diversificação da imprensa, incluindo revistas ilustradas e publicações dirigidas a públicos específicos.

A ascensão da grande imprensa industrial e a adesão a padrões internacionais, como o uso de folhetins e ilustrações.

O livro *História da Imprensa no Brasil*, escrito de Nelson Werneck Sodré lançado em 1966 pela editora Civilização Brasileira, constitui seu *magnum opus*. Com um empenho de quase três décadas em pesquisa, o autor oferece um panorama abrangente da imprensa brasileira desde 1808 até a década de 1960. Nisso, o autor aborda a imprensa das décadas de 1950 e 1960, caracterizando essa época como uma fase de crise e transição.

Acerca dessa transição de tipos de imprensas, Alzira Alves de Abreu (1996, p. 10) compartilha da ótica de que houve significativas mudanças na cultura jornalística a partir dos anos 1950 no Brasil. Segundo ela, os jornais do período foram marcados pelo que pode ser chamado de “industrialização da cultura” – ou simplesmente pelo aprimoramento de técnicas tipográficas e de redação –, bem como da introdução do *marketing* e de novos conceitos de publicidade nos jornais. Para ela, essa mudança estrutural pode ser evidenciada na ruptura da cultura de relacionamento que a imprensa tinha com o governo.

Uma análise, mesmo superficial, do comportamento da imprensa brasileira neste século indica que no pós-guerra os jornais passaram por grandes transformações, tornaram-se de fato empresas comerciais detentoras de poder econômico e introduziram inovações técnicas, gráficas e editoriais. Além disso, contribuíram para as rupturas que ocorreram na imprensa os acontecimentos políticos traumáticos que tiveram lugar nessa década. A crise política que levou ao suicídio de Getúlio Vargas em 1954 pode ser vista como um divisor de águas. A imprensa, que nos meses que precederam o 24 de agosto exacerbou a linguagem violenta e apaixonada utilizada no tratamento dos temas políticos, a partir desse acontecimento buscou maior objetividade na construção e transmissão da notícia. A forma de fazer oposição a Vargas foi percebida por parte da imprensa de oposição como parcialmente responsável por esse drama político, e uma nova imprensa foi surgindo a partir de então (Abreu, 1996, p. 10).

Embora a autora tenha reconhecido que esses e outros fatores internos levaram a mudanças significativas no jornalismo brasileiro, ademais, converge à tese defendida por Nelson Werneck Sodré no que diz respeito à influência norte-americana no âmbito cultural.

Segundo Alzira Alves de Abreu (1996, p. 15), nos anos 1950, viu-se o surgimento de jornais que introduziram novas técnicas de apresentação gráfica e uma maior cobertura jornalística dos acontecimentos, como a *Tribuna da Imprensa* (1949) e a *Última Hora* (1951), ou, ainda, o *Diário Carioca* e a constituição de uma equipe de copidesque em sua redação. Isso só foi possível mediante a influência cultural da imprensa norte-americana nos jornais brasileiros.

As inovações introduzidas no jornalismo brasileiro a partir da década de 50 se fizeram sob a égide de alguns dos jornalistas que viveram nos Estados Unidos durante os anos 40, como Pompeu de Souza, Danton Jobim e Samuel Wainer. Os dois primeiros iriam levar sua experiência para o *Diário Carioca* e o segundo para a *Última Hora*. Já no final dos anos 50, Alberto Dines introduziu muitas idéias no *Jornal do Brasil*, como resultado de sua passagem pelo *Los Angeles Times* (Abreu, 1996, p. 15).

Ambas as perspectivas abordadas neste subcapítulo consideram a leitura dos fatos que levam em conta o processo de industrialização nacional como um divisor de águas na imprensa. O transcurso da década de 1950 tornou mais evidente a necessidade de uma formação técnico-científica para ingressar nas estruturas empresariais.

Longe de uma visão uniforme dos fatos que levaram a mudanças na imprensa, o impacto do processo de industrialização na cultura escrita brasileira foi significativo. Nisso, muitos jornais suprimiram seus cadernos especiais no intuito de se aterem às estratégias de dar maior vazão às seções de economia e política ou de corte de gastos. A imprensa dos anos 1950 viu-se mediante o dilema capitalístico, uma vez que, caso não cedesse espaço à nova lógica cultural, estaria fadada ao fracasso. No entanto, enquanto alguns jornais seguiram essa solução, outros viram nessa oportunidade uma chance para reforçar ainda mais seus cadernos especiais, especialmente os suplementos literários. Um exemplo disso é o jornal *O Estado de São Paulo*, que lançou seu suplemento literário em 1953.

Para alguns intelectuais da imprensa na época, como Heráclio Sales, isso ocorreu devido a dois fatores, em ordem de importância: primeiro, devido às transformações na imprensa brasileira, que a tornaram cada vez mais semelhante a uma indústria sujeita às influências do mercado financeiro; segundo, devido à crise do papel, que restringiu o espaço para temas de menor importância de mercado (Abreu, 1996, p. 20).

Embora esse tenha sido um dilema enfrentado pelos jornais de grande circulação, os suplementos literários formaram redes de sociabilidade intelectual na década de 1950, com outros elementos “vanguardistas” da *belle-époque*, tais como cafés, clubes, revistas literárias e editoras. Segundo Abreu (1996, p. 23), nesses espaços, “se encontravam grupos de amigos, muitos originários de uma mesma região ou cidade; aí se exerciam influências, se manifestavam antagonismos, rivalidades e ocorriam cisões”.

Não obstante, na região de Chapecó, no Oeste Catarinense, durante esse período, alguns de seus jornais de circulação regional mostraram uma certa aproximação em relação a conteúdos literários. Muitos desses periódicos, inclusive, não tinham uma coluna literária em períodos anteriores à década de 1950. Esses periódicos passaram a evidenciar uma transformação nas relações estabelecidas com a expressão poética. Em várias ocasiões, observa-se que a voz poética, nos jornais, começou a se associar aos habitantes locais. Independentemente de manifestações no âmbito religioso ou político, esses textos assumiram características distintas, às vezes até mesmo sob a influência do movimento simbolista⁴, por meio da contribuição de algumas personalidades para o periódico.

Concedendo espaço aos intelectuais⁵ regionais, o *Jornal do Povo* ganhou novas dimensões com a breve seção poética intitulada *Das SOMBRAS* publicada em 1953.

4 É relevante destacar que o simbolismo brasileiro exerceu considerável influência sobre o cenário poético do estado do Paraná no final do século XIX e início do século XX, como evidenciado por estudos de Carollo (1971). Além disso, o movimento simbolista também deixou sua marca em diversas figuras em Santa Catarina, exemplificado pelo poeta Cruz e Sousa (1861-1898), no final do século XIX, e por Juvêncio de Araújo Figueiredo, com sua obra “Praias de minha terra” publicada em 1927, em Florianópolis. No Rio Grande do Sul, a corrente literária simbolista também se fez presente em obras como “Via Sacra” de 1902, autoria de Marcelo Gama (1878-1915), destacado expoente do simbolismo riograndense, conforme documentado por Amaral (2010, p. 19).

5 Entendendo aqui o termo “intelectual” como aquele situado em um contexto criativo perante a sociedade (Shils *apud* Said, 2005, p. 46).

Estes poemas eram de autoria do próprio diretor do jornal, Ricardo C. Albuquerque. Em contraste, nas edições anteriores sob a direção de Carlos de Danilo Quadros, o jornal havia publicado textos rotineiros de articulistas, como a matéria sobre o linchamento de 1950 em Chapecó⁶.

Ademais, o espaço jornalístico evidenciava os diversos antagonismos existente de relações partidárias em Santa Catarina, principalmente no que diz respeito às divergências entre os simpatizantes da UDN, protagonizada basicamente por burocratas e tecnocratas novos na região, e aliados da elite colonizadora local, representada pelo PSD. Embora ambos os partidos tivessem origens e *modus operandi* convergentes em grande parte do país, no Oeste Catarinense essas dissensões se deram de maneira mais intensa, principalmente em 1950, com a polêmica união local entre UDN e PTB, que contrariava as alianças estabelecidas pelo diretório nacional dos petebistas.

Cumprir observar que uma das personagens notórias do período, em âmbito regional, é o advogado Roberto Machado, simpatizante da UDN – embora afirmasse não ser filiado udenista – e fiel crítico à “alta cúpula” da elite colonizadora. Conforme citado o trecho de Alzira Alves de Abreu (1996, p. 23) acerca das dissensões e cisões entre os intelectuais da imprensa, bem como, ainda mais atrás, os apontamentos de Werneck Sodré (1966, p. 181) acerca da herança injuriosa da linguagem jornalística, alguns artigos de Roberto Machado podem ilustrar essas situações de tensão política na região, bem como demonstram certo aspecto cômico, como segue trecho de autoria de Roberto Machado à elite coronelista local.

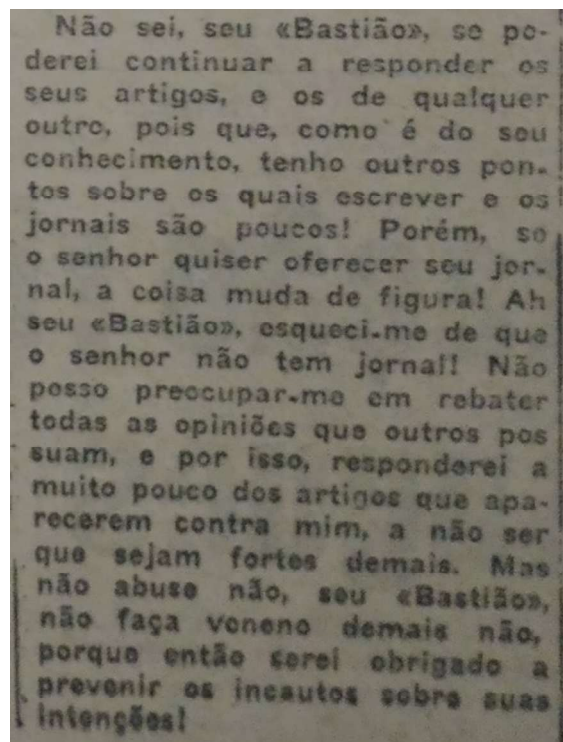


Figura 01: Trecho do artigo “Azar deles”, de Roberto Machado

Fonte: MACHADO, Roberto. Azar deles. *Jornal do Povo*. Chapecó, 22 mar. 1951⁷.

6 *Jornal do Povo*, Chapecó, 1951, p. 2

7 Não sei, seu “Bastião”, se poderei continuar a responder os seus artigos, e os de qualquer outro, pois que,

Entretanto, o que realmente caracteriza essa mudança, para Abreu (1996, p. 20), se dá no fato de que os jornais que optaram pela alteração na estratégia de dar maior ênfase aos suplementos literários foram justamente os que passaram pelo processo de transformação no modo de se fazer jornalismo nos anos 1950. Podem ser citados como exemplo o jornal *O Estado de São Paulo*, citado anteriormente, e o *Jornal do Brasil*, com a implementação de seu suplemento literário no ano de 1956.

Além disso, nesse contexto, a escrita de páginas literárias tornou-se uma porta de entrada para jovens no jornalismo. Em geral, a atividade profissional de jornalista, na época, era pouco remunerada, quase sempre se fazia necessário o jornalista ter outra profissão, geralmente um cargo público, para garantir o seu sustento. Todavia, Abreu menciona que o emergente mercado em torno da escrita de suplementos literários nos jornais começou a proporcionar maior autonomia financeira aos jornalistas (Abreu, 1996, p. 27).

Essas mudanças na imprensa não se limitam somente à maior veiculação de suplementos literários nos jornais. Anteriormente, em meados da década de 1940, o desenhista André Guevara havia introduzido novas técnicas de editoração em diversos periódicos, como, por exemplo, o *Diário da Noite*, a *Folha Carioca* e principalmente o *Última Hora*. Essas técnicas priorizavam o minucioso planejamento de *layout* desses impressos. Segundo Dúnya Azevedo (2009, p. 94), a título de exemplo, no *Última Hora*, passou-se a dar maior atenção à página por meio de técnicas de planejamento, hierarquizando os elementos editoriais como manchetes e títulos, editando fotografias – consideradas elementos centrais para conquistar leitores no período – e melhor distribuindo espaços vazios entre colunas.

Diante do aumento da concorrência entre os jornais no decorrer dos anos 1950, o elemento que mais chamava a atenção dos leitores eram as fotografias, que foi gradualmente ganhando mais espaço nas páginas. Um fator que acompanha tal mudança se dá com a padronização de tabelas de preços calculadas em centímetros de coluna direcionados a crescente atividade publicitária, ocasionada tanto pelo crescimento da economia multinacional pós-guerra quanto pela ampliação das áreas de design no mercado empresarial. A junção desses dois fatores ocasionou a crescente demanda de introdução de cores nos diários e o aumento da receita (Azevedo, 2009, p. 94; Denis, 2000, p. 162).

Sem adentrar em explicações acerca da praticidade dos métodos tipográficos, as mudanças citadas no parágrafo anterior só foram possíveis por conta tanto da introdução da impressão *offset* no final dos anos 1950 quanto do aperfeiçoamento da fotocomposição ou composição a frio no início da década de 1960. Também, vale salientar que a promoção de tais mudanças se deram aliançadas ao advento dessa nova mídia

como é do seu conhecimento, tenho outros pontos sobre os quais escrever e os jornais são poucos! Porém, se o senhor quiser oferecer seu jornal, a coisa muda de figura! Ah seu “Bastião”, esqueci-me de que o senhor não tem jornal” Não posso preocupar-me em rebater todas as opiniões que outros possuam, e por isso, responderei a muito pouco do artigos que aparecerem contra mim, a não se que sejam fortes demais. Mas não abuse não, seu “Bastião”, não faça veneno demais não, porque então serei obrigado a prevenir os incautos sobre suas intenções!

de massa e de consumo que necessitava de técnicas e meios que suportassem quantidades cada vez mais superiores de tiragens diárias.

Acerca dessas mudanças, tanto as ocorridas em 1950 quanto as ocorridas em 1960, podem ser compreendidas como fenômenos ou acontecimentos ligados às compreensões da crescente economia cultural mundial: dentre os conceitos mais influentes na história da comunicação brasileira, a indústria cultural, de Theodor Adorno. Historiograficamente, a concepção de indústria cultural da *Escola de Frankfurt* influenciara em grande medida dos estudos acerca da comunicação e da imprensa brasileira. Na década de 1970, debates sobre comunicação de massas ganharam destaque no cenário acadêmico brasileiro, envolvendo discussões sobre cultura nacional e a própria definição de cultura.

Segundo Sílvio Camargo (2014, p. 109), inicialmente, as leituras das obras de Walter Benjamin foram associadas ao teatro de Bertolt Brecht, cuja ideia de cultura com um propósito transformador e engajado encontrou seguidores. Benjamin foi relacionado ao campo marxista da arte engajada e resistência ao autoritarismo. Ao mesmo tempo, ele introduziu a questão da relação entre arte e técnica, pouco debatida no Brasil até meados dos anos 1960. Esse debate emergiu no momento da consolidação da indústria cultural no país.

Nesse contexto, Herbert Marcuse e Theodor Adorno também entraram no cenário cultural de formas distintas. Adorno ficou associado ao conceito de *indústria cultural*, contrastando com algumas das ideias de Benjamin sobre arte, técnica e sociedade. Embora houvesse algumas referências a Benjamin antes de 1968, a divulgação das questões da Escola de Frankfurt no Brasil aumentou com traduções publicadas na Revista Civilização Brasileira entre 1965 e 1968. Essa revista serviu como veículo de reflexão para intelectuais de esquerda e desempenhou um papel importante na disseminação das ideias de Benjamin, Marcuse e Adorno no Brasil (Camargo, 2014, p. 109).

A indústria cultural, como conceituada por Adorno e Horkheimer, engloba um sistema complexo de empresas e organizações ligadas à produção e distribuição em larga escala de produtos culturais, como jornais, revistas, cinema, televisão, música, literatura e entretenimento em geral. De maneira breve, grande parte desse conceito se baseia na premissa de que a lógica do mercado industrial, que alcançara níveis multinacionais, de certa forma imporia uma consciência cultural à sociedade consumidora de maneira estritamente mecânica.

Mesmo se a planificação do mecanismo por parte daqueles que manipulam os dados da indústria cultural seja imposta em virtude da própria força de uma sociedade que, não obstante toda racionalização, se mantém irracional, essa tendência fatal, passando pelas agências da indústria, transforma-se na intencionalidade astuta da própria indústria. Para o consumidor, não há mais nada a classificar que o esquematismo da produção já não tenha antecipadamente classificado (Adorno, 2009, p. 9).

Segundo suas vertentes no Brasil, a ideologia desenvolvimentista, que marcou o discurso de Juscelino Kubitschek no final dos anos 1950, desempenhou um papel cru-

cial na consolidação do mercado da mídia cultural, principalmente do que se refere ao conjunto de temas abordados pela imprensa brasileira acerca da política externa nacional. Esse período também viu o surgimento de complexos empresariais relacionados à cultura de comunicação de massa.

Já no decorrer da década de 1960, a indústria cultural brasileira recém-consolidada passa a incorporar, em grandes proporções, as medidas tomadas pelos militares, isso pós-1964. Todavia, vale salientar que, neste período, a indústria de consumo de massa, no contexto brasileiro, passa tanto a ganhar maior proporção nas discussões acadêmicas quanto a ganhar aceleração no mercado interno mediante a publicidade massiva na imprensa.

Visto isso, nota-se que a história da imprensa se vê fortemente relacionada à própria história da economia capitalista e suas relações com variados dispositivos de poder, principalmente no que diz respeito à esfera política do Estado. Para tanto, embora não seja prudente e verossímil afirmar que a totalidade dos canais midiáticos convergiram aos ideais do Estado entre os anos de 1950 e 1960, é tácita a afirmação de que uma parcela significativa desses meios de comunicação privados representava essas relações de poder.

Sendo assim, torna-se necessário explorar o tema no contexto de Santa Catarina, com o objetivo de inserir e articular as discussões relevantes sobre as transformações ocorridas na imprensa brasileira durante o período.

3. O jornalismo catarinense e as mudanças na imprensa

3.1 Panorama do jornalismo catarinense em discussão

De acordo com Maria Margarete Sell da Mata (1996, p. 6-7), durante as primeiras décadas do século XX, o jornal diário popular *O Estado* surgia como um veículo de divulgação de notícias cotidianas da capital catarinense, com breves abordagens sobre questões políticas e uma postura nacionalista. Lançado em 13 de maio de 1915, sua primeira edição, composta por quatro páginas, foi impressa em sua própria oficina localizada na Rua Jerônimo Coelho, nº 8, tornando-se assim um dos jornais mais antigos de Santa Catarina.

Na década de 1920, Victor Konder assumiu a propriedade de *O Estado*, convertendo-o em uma editora. Sob a gestão do professor Altino Flores, o jornal, em sua quarta fase, adotou uma postura pró-governo devido às conexões da família Konder com a administração de Washington Luís. Em 1927, Victor Konder, irmão do governador de Santa Catarina, Adolpho Konder, foi nomeado Ministro da Viação e Obras Públicas. Contudo, com a eclosão da Revolução de 1930, Victor Konder foi exilado junto com outros líderes contrários a Getúlio Vargas, e Altino Flores assumiu a direção do jornal.

Durante o início do Estado Novo, o governo promoveu medidas repressivas contra a imprensa catarinense, incluindo a suspensão do jornal República. A gestão desse periódico, ligado ao Partido Republicano Catarinense, foi substituída por uma equipe favorável ao Regime, composta por Oswaldo Mello, Haroldo Callado, Antonio

Mâncio da Costa, Francisco Barreiros Filho, João Baptista Pereira e Jairo Callado. Essa mudança teve como objetivo afastar jornalistas de oposição, destacando o viés político-partidário dos jornais. Conseqüentemente, a nova equipe impôs uma nova linha editorial ao *O Estado*.

Embora isso não tenha acabado com o jornal em questão, segundo Mata (1996, p. 53):

A partir daí, os números seguintes d'**O Estado**, como forma de apoio ao governo interventor, do general Ptolomeu de Assis Brasil, passaram a veicular, em suas colunas, as nomeações do governador civil e militar para cargos públicos na capital e no interior do Estado, dentre eles Prefeitos Municipais, Delegados de Polícia, Secretários de Estado [...] o Jornal deu o seu voto de confiança e prestígio ao novo governo. Como foi aquela homenagem ao lançar uma subscrição popular para a confecção de um quadro com as fotografias de Getúlio Vargas e João Pessoa, que foi doado ao governo estadual e passou a fazer parte do Salão de Honra do Palácio.

Em resumo, os jornais que continuaram operando durante o Estado Novo foram aqueles que se alinharam e se tornaram instrumentos viáveis para o governo, servindo como veículos de disseminação da ideologia que o Regime buscava implantar no país, promovendo sentimentos patrióticos e de homogeneização.

Certamente, a política partidária da época estava impregnada desses mesmos jargões nacionalistas, especialmente devido à tendência global de fortalecimento do nacionalismo, que foi amplificada pela eclosão da Grande Guerra. Portanto, o getulismo não seria o único movimento a promover ideologias homogeneizantes, podendo ser considerado um meio-termo entre os extremos daquele período.

Com o fim da Era Vargas e a nova configuração democrática-partidária no país e em Santa Catarina, a imprensa recuperou sua liberdade política. Em resumo, os principais jornais catarinenses retomaram sua atividade partidária no período pós-1945. Durante essa fase de redemocratização da estrutura política do estado, os três principais veículos de mídia impressa da capital eram *O Estado*, *A Gazeta* e o *Diário da Tarde*.

No período mencionado, as relações político-partidárias desses jornais se configuravam da seguinte maneira: Adolfo Konder, udenista e sogro de Irineu Bornhausen, candidato ao governo estadual em 1950, era proprietário do *Diário da Tarde*; *A Gazeta* pertencia a Jairo Callado, vereador eleito pelo PSD em 1947; *O Estado* era propriedade do governador eleito em 1947, Aderbal Ramos da Silva, sobrinho de Nereu Ramos, do PSD.

Na sequência dos acontecimentos em Santa Catarina em 1950, em relação à aliança entre PTB e UDN mencionada anteriormente, esses jornais se envolveram em uma das mais acirradas disputas políticas da configuração governamental recém-estabelecida no estado. Segundo Araujo (2020, p. 15), enquanto o PTB considerava a possibilidade de lançar uma candidatura própria ao governo de Santa Catarina, o PSD rapidamente definiu seu candidato, o ex-interventor Udo Deeke. Em junho de 1950, logo após a oficialização da candidatura pessedista, *O Estado* iniciou uma campanha publicitária em prol de Deeke.

De certa forma, a campanha d'*O Estado* buscou associar a imagem do candidato pessedista ao estereótipo populista do trabalhismo varguista, que estava em alta na época. Além disso, é importante ressaltar que grande parte do discurso de oposição ao PTB nas eleições de 1947, especialmente nas campanhas udenistas, utilizou o recurso publicitário de conectar as ideias comunistas ao populismo trabalhista. No entanto, com a participação de Vargas no cenário eleitoral de 1950, esses partidos estavam cientes de que a ampla aprovação popular de Getúlio Vargas neutralizaria qualquer tentativa de influenciar o povo de maneira anticomunista.

Assim, uma das estratégias do PSD contra a UDN em Santa Catarina foi relembrar os argumentos e acusações anticomunistas das campanhas udenistas de 1947. O jornal *O Estado* destacou o esforço da UDN em atrair o eleitorado que apoiava Vargas, apesar de seu discurso notoriamente antitrabalhista. Enquanto isso, enfatizou que o PSD estava comprometido em promover as conquistas sociais dos trabalhadores, ao passo que os membros da UDN estavam agindo, tanto aberta quanto secretamente, para evitar a formalização das demandas populares.

Após o estabelecimento da aliança entre udenistas e trabalhistas mencionada anteriormente, o PSD concentrou-se em denunciar a ilegalidade desse ato. Nas semanas seguintes, houve uma intensificação das acusações mútuas e a divulgação de informações contraditórias nos principais jornais, tanto da situação quanto da oposição. Segundo Araujo (2020, p. 16-17),

O Estado, periódico vinculado ao PSD, trazia um trecho da entrevista de Adolfo Konder, líder da UDN em Santa Catarina, ao jornal *O Globo* em que afirmava que o partido não abandonaria a candidatura de Eduardo Gomes e avisava: “a recomendação dos trabalhistas de apoiarem a candidatura de Irineu Bornhausen não favorecerá a candidatura de Getúlio Vargas como propalam alguns dirigentes do PTB.” [...] depois, *A Gazeta*, também vinculada ao PSD, publicava uma entrevista de Danton Coelho, presidente nacional do PTB. A matéria reiterava que o acordo feito em Santa Catarina não obtivera a autorização do comando nacional e pedia para que os líderes catarinenses, Saulo Ramos e Carlos Gomes de Oliveira, o desfizesse [...]. No dia seguinte, o jornal publicava a união entre PSD e PTB para a eleição municipal de Joinville.

Ainda segundo Araujo (2020, p. 17), o principal jornal de oposição, o *Diário da Tarde*, refletia a coalizão de diversos partidos em apoio à candidatura de Irineu Bornhausen. Essa coligação estadual incluía a UDN, PTB, PRP, PSP, PDC e PL, todos unidos contra o PSD liderado por Nereu Ramos. Em resposta às pressões internas e externas para desfazer a aliança entre a UDN e o PTB, o jornal publicou uma carta do candidato ao senado, Carlos Gomes de Oliveira. Nela, o trabalhista afirmava que após decidir não lançar candidato próprio ao governo estadual, o partido estava livre para apoiar qualquer candidato. Como a UDN ofereceu apoio à sua candidatura, bem como à dos outros partidos aliados, o PTB de Santa Catarina decidiu apoiar o candidato udenista.

De fato, para entender o contexto do jornalismo catarinense da época, é importante observar que os jornais brasileiros já vinham, desde 1949, tecendo diversos discursos sobre o retorno de Vargas e suas alianças políticas em todo o Brasil. No entanto, ao

contrário do que alguns autores sugerem, muitos desses jornais estavam imersos no partidarismo, embora também publicassem conteúdos artísticos e literários em suas colunas.

Um exemplo marcante desse fenômeno é o jornal *Tribuna da Imprensa*, liderado por Carlos Lacerda e lançado em 27 de dezembro de 1949. Desde o início, o periódico adotou uma linha editorial marcadamente antinacionalista e antipopulista, com o objetivo principal de atacar adversários políticos, especialmente o governo de Getúlio Vargas e suas políticas populistas. Outro exemplo é o jornal *Última Hora*, que surgiu da convergência dos interesses pessoais de Samuel Wainer com a necessidade de ampliar o apoio ao novo governo, em contraposição à linha editorial de Lacerda.

Ademais, é relevante mencionar, preliminarmente, a análise de Ana Paula Goulart Ribeiro (2000, p. 30), que argumenta que os anos 1950 não marcaram uma ruptura radical, mas sim um período de consolidação das transformações pelas quais a imprensa vinha passando desde o início do século:

[...] os anos 50 representaram não um momento de ruptura radical, mas o período de consolidação das transformações porque vinha lentamente passando a imprensa desde o início do século. A reforma do jornalismo foi um processo cumulativo, que incorporou experiências já desenvolvidas, interna e externamente, ao longo de décadas e que, apesar de todas as rupturas, também conservou muitos aspectos da tradição.

3.2 As transformações na imprensa catarinense

Embora os anos 1950 não tenham representado uma revolução na forma de fazer jornalismo, em Santa Catarina houve uma significativa expansão do mercado de jornais impressos. Conforme observado por Camilo Buss Araujo (2013, p. 131), enquanto na década de 1940 havia apenas três diários na capital catarinense, esse número saltou para sete durante os anos 1950.

Os anos 1950 são marcados pela expansão do número de periódicos em Florianópolis. Ao final da década anterior, havia três jornais diários. Na década seguinte, Florianópolis chega a ter sete jornais, sendo quatro desses diários. Em 1950, surge o jornal *A Evolução*, dirigido por Telmo V. Ribeiro e Rafael G. Cruz Lima e ligado ao Partido Trabalhista Brasileiro. Em 1952, mais dois semanários: *O Tempo*, do médico J. J. Barreto, e *A Verdade*, de Manoel de Menezes. Nos anos seguintes, são lançados *A Semana*, de Juvenal Melchíades de Souza, em 1955, e *Resistência*, dos políticos Paulo Konder Bornhausen, Ruy Hulse e Volney Colaço de Oliveira, em 1956 (Araujo, 2013, p. 131-132).

Na década de 1950, Florianópolis testemunhou um aumento significativo no número de jornais, os quais passaram a se concentrar mais em questões regionais do que em assuntos nacionais e internacionais. Um exemplo dessa mudança é o jornal *A Verdade*, fundado por Manoel de Menezes em 1952, que expressava em seu editorial o compromisso de revelar “a verdade”, muitas vezes desconhecida pela maioria. Um exemplo notável foi sua primeira edição, que apresentou uma reportagem denunciando

do problemas políticos de João Collin, criticando sua gestão como Secretário Estadual de Viação, Obras Públicas e Agricultura e acusando-o de negligenciar o setor agropecuário do interior, prejudicando assim o estado (Araujo, 2013, p. 132).

Além disso, esse jornal rapidamente se tornou o semanário mais lido e debatido de Santa Catarina, com seu proprietário, Manoel de Menezes, recém-chegado do Rio de Janeiro, utilizando-o como plataforma para criticar o governo estadual e a elite da capital. Entre as figuras públicas atacadas estava o empresário Charles Edgard Moritz, que foi acusado de ser responsável pelo alto custo do pão na cidade.

O interessante a se observar é que, em 1945, Charles Edgard Moritz ocupava a presidência da Associação dos Proprietários de Padarias e, em 1950, foi elogiado pelo *Diário da Tarde* como um empresário dinâmico em Florianópolis, além de participar ativamente de diversas instituições sociais. No entanto, em 22 de agosto de 1950, o *A Verdade* estampou uma manchete acusando Moritz de ser o principal responsável pelo aumento do preço do pão, alegadamente prejudicando os trabalhadores enquanto acumulava capital (Araujo, 2013, p. 134).

Com o passar do tempo, o jornal tornou-se um espaço para denúncias públicas. Essa abordagem estabelecia um vínculo com os cidadãos, alinhando-se ao discurso populista em vigor. Ao abordar temas como inflação e custo de vida, *A Verdade* introduziu uma nova linguagem jornalística na cidade, tornando-se um canal para debater as demandas cotidianas da população. Isso gerou uma maior demanda pela figura do repórter e pela sua investigação jornalística em torno dos assuntos urbanos.

Embora o jornal se posicionasse como “advogado dos interesses do povo”, ressaltava que a retórica de direitos e ações de assistência não garantiam automaticamente o reconhecimento dos beneficiários, como faziam os “tubarões”. Além disso, destacava a importância da mobilização popular na luta por mudanças, como evidenciado pelas manifestações populares em Florianópolis em 1952, como a dos estudantes contra os preços dos cinemas. Esse discurso estava alinhado ao veiculado pelo jornal petebista *A Evolução* na época..

No entanto, o jornal *A Verdade* não poupava críticas à UDN e ao PTB, sendo alvos de Menezes ao longo de 1952 e 1953. Quando Braz Joaquim Alves proibiu *A Evolução* de continuar imprimindo o jornal, Menezes agiu rapidamente para resolver a situação. Ele iniciou uma campanha de arrecadação de fundos, abrindo uma lista de doações para comprar uma máquina de impressão. Membros do pessedismo catarinense, como Charles Edgard Moritz, contribuíram com a iniciativa. O Coronel Lopes Vieira, ligado ao PSP de Adhemar de Barros, também apoiou financeiramente, ao concordar em pagar por uma página de propaganda do partido em todas as edições do jornal. Apesar disso, o jornal manteve sua postura crítica em relação ao partido (Araujo, 2013, p. 150).

Menezes consolidou seu jornal como uma voz influente na capital. Os leitores aguardavam ansiosamente cada edição para descobrir qual seria o próximo alvo de suas críticas. O sucesso do jornal atraiu mais receita publicitária, com o PSP sendo um dos principais patrocinadores, apesar de também ser alvo de críticas contundentes. Em uma ironia, o PSP utilizava seu espaço no jornal para alertar contra demagogos, enquanto uma notícia de capa acusava Lopes Vieira de ser contrário aos interesses dos

trabalhadores (Araujo, 2013, p. 153).

Além do jornal de Menezes, outro evento que provocou mudanças na imprensa catarinense foi a morte de Getúlio Vargas e a maneira como os periódicos do estado abordaram o assunto. As divergências políticas ultrapassaram as disputas partidárias locais, com o jornal *O Estado*, alinhado ao PSD, interpretando o suicídio de Vargas como um ato de resistência à suposta tirania minoritária. O PSD, o PTB e a UCE emitiram declarações, com o PSD ressaltando a inspiração patriótica de Vargas na fundação do partido, o PTB oferecendo condolências aos trabalhadores e a UCE defendendo a preservação da Constituição Federal contra qualquer ameaça de ditadura militar.

Os jornais *Diário da Tarde* e *A Gazeta* concederam espaço aos líderes udenistas após o suicídio de Vargas. Antonio Carlos Konder Reis destacou as realizações do presidente e a estreita relação da UDN de Santa Catarina com ele, enquanto Paulo Konder Bornhausen sugeriu que Vargas se suicidou para preservar sua honra após ser traído por amigos. A narrativa de que os “falsos amigos” foram responsáveis pela morte de Vargas tornou-se uma estratégia eleitoral, enquanto a ameaça de fechar as rádios caso o proprietário da *Tribuna da Imprensa* visitasse a capital refletia o medo de que ele revelasse os verdadeiros culpados pela situação turbulenta do Brasil (Araujo, 2013, p. 164).

É importante destacar que, na década de 1950, o colunismo político ganhou destaque, com a coluna gaúcha “Conta Gotas” do *Diário de Notícias*, em agosto de 1952, despontando como uma das precursoras desse estilo. Assinada pela equipe editorial do jornal, a coluna concentrava-se nas atividades do Legislativo do Rio Grande do Sul, especialmente criticando a atuação do PTB no debate sobre o petróleo.

É notável que, ao longo da década de 1950, os jornais do Sul do Brasil se tornaram verdadeiros palcos da política partidária, tanto em seu conteúdo quanto em sua forma. Embora muitas das transformações observadas nos jornais de São Paulo e Rio de Janeiro, conforme discutido no capítulo anterior, não sejam completamente replicadas nas realidades aqui mencionadas, elas têm sua influência parcialmente reconhecida. No entanto, mesmo refletindo ainda as relações político-partidárias do estado, esses jornais gradualmente testemunharam o surgimento de uma cultura de publicidade consumista, um dos principais elementos que pavimentariam o caminho para a nova imprensa que viria a se destacar na década seguinte.

Analisando o jornal *O Estado* como referência, percebe-se que em 1945 os anúncios veiculados em suas páginas adotavam uma abordagem mais contida, sem explicitar de forma exagerada os benefícios dos produtos anunciados. Ilustrações detalhadas eram pouco comuns, e a apresentação visual do jornal seguia uma estrutura relativamente rígida, moldada pelos padrões tipográficos da época. A maioria das ilustrações destacava produtos de higiene, medicamentos e serviços regionais, como exemplificado a seguir.

4 O ESTADO Sábado, 20 de Outubro de 1945

Lira Tênis Clube — Amanhã, dia 21, tarde dançante horas, quando serão entregues medalhas à equipe juvenil

FILHA! MÃE! AVÓ!
Todas devem usar a

FLUXO-SEDATINA

(OU REGULADOR VIEIRA)
A MULHER EVITARÁ DORES
Alivia as Cólicas Uterinas

Emprega-se com vantagem para combater as irregularidades das funções periódicas das senhoras. É calmante e regulador dessas funções.

FLUXO-SEDATINA, pela sua comprovada eficácia, é muito recomendada. Deve ser usada com confiança.

FLUXO SEDATINA encontra-se em toda parte.



Estatística

DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ESTATÍSTICA
O DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ESTATÍSTICA efetuará, de 5 a 15 de novembro, por intermédio de seus órgãos municipais, o levantamento de DESEMPREGADOS, em todo o território estadual. Todo desempregado deverá comparecer ao órgão competente, para prestar informações. Em Florianópolis, deve dirigir-se à INSPETORIA REGIONAL DE ESTATÍSTICA MUNICIPAL, no Edifício "Dom Joaquim", à rua Padre Miguelinho. No interior, às AGÊNCIAS MUNICIPAIS DE ESTATÍSTICA, sediadas nas Prefeituras Municipais, ou às INTENDÊNCIAS DISTRITAIS. O DEE solicita a cooperação de todos para esse trabalho; avise às pessoas de seu conhecimento, desempregadas atualmente, para que venham prestar suas informações. Considera-se desempregado todo homem ou mulher, maior de 18 anos, que, necessitando de recursos financeiros, não tem ocupação remunerada, apesar de possuir capacidade e disposição para o trabalho.

Programas de rádio

"EMISSORAS DOS ESTADOS UNIDOS" (Portugues) SE VOCE GOSTAR

Noticias
Ouça os boletins in que são transmitidos toda hora, e os da Radio Coit a 6ª feira, as 21.30 horas.

Música Sinfônica
Ouça em sua casa a Orquestra Sinfônica da N dos os domingos, as 20.00

Programas femininos
Sintonize o seu receptor horas, de 2ª a 6ª feira e gramor de Seuveiro com a nhecidas palestras.

Assuntos comerciais
"O Mundo de Amanhã" programa que lhe interessa, sábados as 22.35 horas.

Conhecer os Estados Unidos
Faça uma viagem in através desse grande país "Conheça os Estados Un é transmitido aos sábado horas.

Teatro
Ouça um dos melhores "castings" no gênero, sintonize "Radio Teatro das Américas" as 4ªs. feiras, às 19.30

R. H. BOSCO LTDA.
ITAJAÍ - S. CATARINA

COMISSÁRIOS DE AVARIAS Representações
Consignações -- Conta Própria
Rua Pedro Ferreira, 5
2º Pavimento
CAIXA POSTAL, 117

SEGUROS DE: Transportes Marítimos; Ferro-vidrios, Radovidrios, Aéreos, Cascos, Fogo, Acidentes do Trabalho, Acidentes Pessoais, Responsabilidade Civil e Vida.

Endereço Telegráfico "BOSCO"

MEMORROID

Este específico alivia as dores e evita as infecções.



A ação benéfica da mada Man Zan, produzida especialmente para dos os casos de Hemorroides, é imediata, a as dores e os pruritos acalma e evita as contaminações infecciosas das cerções e varizes hemorroidais. A venda em t as Farmácias em branco com canula especial facilitar a aplicação.

Aproveite a ocasião!

A ALFAIATARIA BRITO, à rua Tiradentes 17, acaba de receber reduzido número de cortes de LINHO BRANCO IRLANDÊS (Legítimos).
Visite-a hoje mesmo!

MAN ZA
PARA HEMORROIDES
Um produto De V

MACHADO &

Agências e Representação
Matriz: Florianópolis
Rua João Pinto,
Caixa Postal,
Filial: Criciúma

Oueam
a voz da experiência

CONTA FEITAS
EXCENTES QUANTIDADE
EM MELHORES FORMAS E A

Brasileiros nos Estados Unidos

Washington (S. I. H. —
Procedentes do mundo financeiro do Brasil, chegaram a Nova York em missões comerciais relacionadas a seus va-

LIVROS



O. L. ROSA
RUA DEODORO, 33
FLORIANÓPOLIS

NOVOS e USADOS

COMPRA e VENDE

Idiomas português, espanhol, francês, inglês, etc.

Figura 2: Publicidade no "O Estado" de 1945

Fonte: *O Estado*, Florianópolis, 20 out. 1945.

Por outro lado, o que se observa nas páginas desse mesmo periódico catarinense pouco mais de dez anos depois é uma espécie de impulso na cultura publicitária na imprensa, acompanhado pelo surgimento de editoriais mais diversificados. Notavelmente, grandes empresas internacionais, com produtos voltados para o consumo em massa, como liquidificadores e pequenos geradores de energia elétrica, desempenharam um papel ativo no desenvolvimento gradual de novas técnicas de impressão e ilustração.

Receba-o de braços abertos

prosdocimo

Super-Tropic
REFRIGERADOR ELÉTRICO DOMÉSTICO
95

QUALIDADE LUXO CAPACIDADE por menor preço

O NOVO «PROSDOCIMO» Super-Tropic APRESENTA:

- CONDENSADOR «Super-Tropic» Gela melhor! É de projeto novo, muito mais eficiente na produção de frio, mesmo sob condições climáticas extremas.
- Capacidade: 9,5 pés cúbicos.
- Unidade selada.
- Isolamento com lã de vidro.
- 3 gavetas plásticas espaçosas.
- Recipiente embutido, para a água do degelo.
- 4 Prateleiras removíveis, que permitem um aproveitamento de espaço 30% maior que o comum. Acabamento brilhante em alumínio anodizado.
- Regulagem nos pés para nivelamento.
- 3 Prateleiras na porta.
- Congelador horizontal, amplo, com 2 fórmios unidos de extrator.

GARANTIDO POR 5 ANOS

PROSDOCIMO é um refrigerador, que agrada à primeira vista. Suas linhas modernas aliam o estético ao útil e funcional. É luxuoso no acabamento e assim mesmo acessível no preço. O refrigerador PROSDOCIMO é amplo com aproveitamento total do espaço, satisfazendo tôdas as exigências, mesmo de uma família numerosa. A GARANTIA de 5 anos demonstra que este refrigerador merece a sua confiança.

Conheça-o! Será uma amizade duradoura

É UM PRODUTO DA REFRIGERAÇÃO PARANÁ S.A.

CONCESSIONÁRIOS:

LOJAS ELETRO — TÉCNICA
Adquira um Refrigerador «Prosdocimo» e pague-o em suavíssimas prestações mensais, nas

LOJAS ELETRO — TÉCNICA
Preço Fábrica Cr\$ 29.500,00
Preço Florianópolis Cr\$ 29.500,00 em Florianópolis
Rua Tte. Silveira — 24 e 28
Uma organização às suas ordens.

Figura 3: Publicidade de refrigerador no “O Estado” de 1957

Fonte: *O Estado*, Florianópolis, 10 out. 1957.

Nos anos 1950, o fotojornalismo atingiu seu auge, com novas formas narrativas fotográficas, como fotorreportagens e instantâneos de momentos políticos significativos, ganhando destaque em jornais e revistas nacionais. A valorização dos fotógrafos em revistas ilustradas foi ainda mais evidente. A cultura visual foi profundamente influenciada pela ascensão da televisão e pelos filmes hollywoodianos em cinemascope. Nesse período o fotojornalismo concentrou-se na mobilização política, abordando temas como a nacionalização do subsolo e a estatização de empresas públicas.

Conforme observado por Charles Monteiro (2012, p. 20), as fotorreportagens em

periódicos ilustrados retrataram a transformação urbana de uma espécie de *belle époque*. Estas imagens buscavam construir um discurso de mudança, registrando a nova paisagem urbana, com a demolição de espaços antigos e a criação de áreas modernas voltadas para o consumo. As fotografias tinham o propósito de educar o público, promovendo novos padrões de vida urbana. Vistas como reproduções fiéis da realidade, essas imagens apresentavam os fatos como verdadeiros, informando e entretendo simultaneamente, difundindo uma visão moderna da cidade entre as classes médias.

Em Florianópolis, esse processo destacado por Charles Monteiro pode ser observado, embora em uma escala reduzida. No jornal *O Estado*, as fotografias começaram a ganhar espaço em suas páginas a partir de 1950. No entanto, ao contrário do que se via nos grandes veículos midiáticos da época, especialmente nos jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo, essas fotografias não eram abundantes. A maioria das edições continha de três a cinco fotografias impressas, principalmente nas capas, como pode ser visto em uma das edições de janeiro de 1959, conforme exemplificado a seguir⁸.



Figura 4: Fotografias no jornal "O Estado" em 1959

Fonte: *O Estado*, Florianópolis, 16 jan. 1959.

8 Vale destacar que havia fotografias em edições dos anos 1940 n'*O Estado*. Entretanto, as novas técnicas de impressão da década seguinte seriam cruciais para que fosse financeiramente e logisticamente possível a realização do jornal.

Além disso, é importante ressaltar que havia fotografias em edições anteriores a 1950 no jornal *O Estado*. No entanto, as novas técnicas editoriais e tipográficas adotadas pelos jornais durante as décadas de 1940 e 1950 possibilitaram a inclusão de um maior número de fotografias em cada edição.

Considerações finais

No contexto da Primeira República, a imprensa brasileira era caracterizada por uma dualidade entre fundamentos pré-capitalistas e burgueses, conforme Sodré (1966). Essa divisão persistiu até a chamada “Revolução Brasileira” entre 1950 e 1960, que transformou a prática jornalística, promovendo a conexão com interesses norte-americanos e diversificando o panorama da comunicação com o surgimento de revistas ilustradas. O período também foi marcado por uma fase de crise e transição, com a uniformização das posições jornalísticas e o alinhamento ao neoliberalismo, evidenciando a “industrialização da cultura” a partir dos anos 1950.

As discussões sobre a cultura da comunicação de massa e a industrialização cultural, especialmente nas décadas de 1950 e 1960, revelaram a intersecção entre a história da imprensa e o capitalismo. Embora não se possa afirmar que todos os veículos de comunicação estavam alinhados aos ideais do Estado, muitos deles refletiram as dinâmicas de poder da época. Assim, a análise da imprensa em Santa Catarina, nesse contexto, permite aprofundar a compreensão das transformações ocorridas na mídia brasileira.

Nos anos 1950, houve um aumento significativo no número de jornais na capital catarinense, passando de três para sete, com uma crescente ênfase em questões regionais. Jornais como *A Verdade* se destacaram por suas críticas ao governo e ao empresariado local, estabelecendo um novo padrão de linguagem e aproximando-se das demandas populares.

Além disso, os anos 1950 foram marcados pela ascensão do colunismo político e pelo avanço do fotojornalismo, que começou a se consolidar nas publicações, embora em Santa Catarina essa tendência ainda estivesse em desenvolvimento. As transformações na imprensa catarinense nessa época foram parte de um processo maior de mudança que já se desenrolava desde o início do século, culminando em uma cultura de publicidade e um novo dinamismo no jornalismo brasileiro.

Referências

ABREU, Alzira Alves de *et al.* *A imprensa em transição*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996. 200 p.

ADORNO, Theodor. *Indústria cultural e sociedade*. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

AMARAL, Wendell de Freitas. *Implicações do olhar moderno na obra de Marcelo Gama*. 2010. 143 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal

de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

ARAUJO, Camilo Buss. *Marmiteiros, agitadores e subversivos: política e participação popular em Florianópolis, 1945-1964*. Campinas, 2013. 492 f. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

ARAUJO, Camilo Buss. Nem tão “cristianizado” assim: apontamentos sobre as eleições de 1950 em Santa Catarina e a vitória de Getúlio Vargas. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 12, n. 29, p. 1-36, 22 abr. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/2175180312292020e0207>.

AZEVEDO, Dúnya. A evolução técnica e as transformações gráficas nos jornais brasileiros. *Revista Mediação*, [s. l.], v. 10, n. 09, 2009. Disponível em: <http://revista.fumec.br/index.php/mediacao/article/view/296>. Acesso em: 2 ago. 2023.

BARBOSA, Marialva Carlos. *História da comunicação no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2013.

BARBOSA, Marialva Carlos. Imprensa e poder no Brasil pós-1930. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 215-234, dez. 2006. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/47471>. Acesso em: 2 abr. 2022.

BARBOSA, Marialva Carlos. Reflexões sobre a imprensa no Brasil de 1808. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, Florianópolis, v. 5, n. 2, p. 91-109, 17 nov. 2008. DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/1984-6924.2008v5n2p91>.

CAMARGO, Sílvio. Os primeiros anos da “Escola de Frankfurt” no Brasil. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, [s. l.], n. 91, p. 105-133, abr. 2014. FapUNIFESP (SciELO). DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-64452014000100005>.

CAROLLO, Cassiana Lacerda. Papel da Província no Simbolismo Brasileiro. *Letras*, São Paulo, v.19, p.75-82, 1971

DENIS, Rafael Cardoso. *Uma introdução à história do design*. São Paulo: Editora Blucher, 2000. 276 p.

FREITAS, Affonso A. *A Imprensa Periodica de São Paulo desde os seus primórdios de 1823 até 1914*. São Paulo: Diário Oficial, 1915.

MATA, Maria Margarete Sell da. *Jornal O Estado: uma história em construção (1915-1931)*. 1996. 95 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/112208>. Acesso em: 20 fev. 2022.

MONTEIRO, Charles. Imagens da cidade de porto alegre nos anos 1950: a elaboração de um novo padrão de visualidade urbana nas fotorreportagens da Revista do Globo. *In: MONTEIRO, Charles. Fotografia, História e Cultura Visual: pesquisas recentes*.

Porto Alegre: EdiPUCRS, 2012.

PEDRO, Joana Maria. *Nas Tramas entre o Público e o Privado: a Imprensa de Deserto no Século XIX*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1995. 106 p.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 50*. 2000. 338 f. Tese (Doutorado em História) – UFRJ, Rio de Janeiro, 2000.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 31, ago. 2003, p. 147-160. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2186>. Acesso em: 20 fev. 2022.

SAID, Edward W.. *Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993*. Trad. Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1966.

PANORAMA DEL PERIODISMO CATARINENSE: TRANSFORMACIONES DE LA PRENSA ENTRE LAS DÉCADAS DE 1950 Y 1960

Resumen: Este artículo investiga las transformaciones en la prensa de Santa Catarina durante las décadas de 1950 y 1960, con un enfoque particular en el periódico O Estado. La metodología empleada incluye una revisión bibliográfica exhaustiva y un estudio comparativo de las prácticas periodísticas antes y después de este período. Los resultados indican que el aumento en el número de periódicos en la capital catarinense durante la década de 1950, con énfasis en cuestiones regionales y críticas al gobierno, reflejó una creciente polarización política. Además, el fortalecimiento del columnismo político y la ascensión del fotoperiodismo evidencian una transformación más profunda, culminando en una nueva dinámica en el periodismo local y en la cultura publicitaria.

Palabras clave: transformaciones en la prensa; prácticas periodísticas; cultura publicitaria; prensa de Santa Catarina.

OVERVIEW OF JOURNALISM IN SANTA CATARINA: TRANSFORMATIONS IN THE PRESS BETWEEN THE 1950s AND 1960s

Abstract: This article investigates the transformations in the press of Santa Catarina during the 1950s and 1960s, with particular emphasis on the newspaper O Estado. The methodology employed includes an extensive bibliographic review and a comparative study of journalistic practices before and after this period. The findings indicate that the increase in the number of newspapers in the capital of Santa Catarina during the 1950s, with a focus on regional issues and criticism of the government, reflected a growing political polarization. Furthermore, the strengthening of political columnism and the rise of photojournalism reveal a deeper transformation, culminating in a new dynamic in local journalism and in advertising culture.

Keywords: transformations in the press; journalistic practices; advertising culture; Santa Catarina press.